

MANOBRAS DO INVEROSSÍMIL: GARCÍA MÁRQUEZ E MACHADO DE ASSIS

Paul Dixon
Purdue University, USA

Resumo: Com o conto “Adão e Eva”, Machado antecipa o desfecho inquietante do grande romance *Cien años de soledad* de Gabriel García Márquez. Nos dois casos há um espaço parecido a um ventre, que abriga um embrião metafórico, uma substância cuja reprodução é projetada no futuro. No entanto, também nos dois casos há uma espécie de “aborto” que evita para sempre tal reprodução. Consta-se um equívoco enorme, devido ao fato de que, fora daquele espaço encerrado do relato, a reprodução parece ter-se efetuado. Enquanto García Márquez não entra na questão da recepção desse discurso contraditório, Machado, num nível extradiegético, explicita uma leitura do mesmo, representando um público primeiro bem confuso e, depois, consciente de ter sido “logrado” pelo narrador. De uma forma curiosa e anacrônica, o conto de Machado constitui uma leitura “póstuma” do enigmático romance colombiano.

Palavras-chave: Machado de Assis. García Márquez. “Adão e Eva”. *Cien años de soledad*.

Abstract: With the short story “Adam and Eve,” Machado de Assis anticipates the disorienting *dénouement* of the great novel *Cien años de soledad* by Gabriel García Márquez. In both texts, there is a womb-like space, nurturing a metaphoric embryo, a substance whose reproduction is projected in the future. However, in both cases there is a sort of “abortion” which destroys all possibility of such a reproduction. This situation creates an enormous confusion, when it is realized that outside that enclosed space of the immediate narrative,

that reproduction appears to have taken place. While García Márquez does not enter into the question of the reception of this confusing discourse, Machado does. On an extradiegetic level, the short story gives a reading, representing first an audience that is confused and later, one that understands it has been duped by the narrator. In a curious and anachronistic way, Machado's story offers a "posthumous" reading of the enigmatic Colombian novel.

Keywords: Machado de Assis. García Márquez. "Adão e Eva". *Cien años de soledad*.

Em termos estéticos, o desfecho de uma narrativa desempenha uma função de grande importância, pois cria no receptor um sentido de finalidade, a impressão de que as expectativas criadas pelo enredo foram cumpridas – enfim, a satisfação de uma experiência válida. O que Barbara Herrnstein Smith afirma sobre a importância do encerramento na poesia, aplica-se igualmente a um texto narrativo: "Os recursos da conclusão muitas vezes têm seu efeito característico ao conceder ao poema uma qualidade percebida pelo leitor como uma validade notável, uma característica que o deixa com a impressão de que o enunciado tem o 'caráter conclusivo', a finalidade assentada de uma verdade aparentemente auto-evidente" (152; tradução minha).

No catálogo dos desfechos notáveis da literatura moderna, certamente o do romance *Cien años de soledad* (1967) do colombiano Gabriel García Márquez deve figurar entre os mais importantes. Haveria um final mais decidido do que aquele vento, destruidor de tudo e de todos?

Vários recursos conclusivos, analisados por Smith (158-95), são exemplificados no romance colombiano. A predeterminação ocorre quando o desfecho apresenta um motivo cuja expectativa foi criada no início. No começo de *Cien años*, Úrsula resiste à relação sexual com seu esposo (e primo) porque teme que o primeiro filho nasça com um rabo de porco. A última criança a

nascer no romance, muitas gerações depois, possui de fato um rabo de porco.

O efeito de finalidade também pode ser criado por meio de estruturas paralelas. O segmento posterior, assim, parece completar o segmento inicial e dá ao texto um sentido decisivo. A história de Macondo demonstra um paralelismo simétrico, em que primeiro há um processo de fundação e expansão, e depois há declínio e desintegração.

O recurso da afirmação absoluta, segundo Smith, também cria um sentido de conclusão ao “fechar” o assunto, sem lugar para dúvida ou equívoco. O romance de García Márquez tem um final altíssimo, enfático e bombástico, comparável ao de uma sinfonia de Beethoven. Tanto em seu conteúdo, que anuncia uma finalidade irreversível, como em seu aspecto discursivo, onde há um tom de grandiloquência profética, o último parágrafo do romance nos dá um remate dos mais decisivos, anunciando que “la ciudad de los espejos (o los espejismos) sería arrasada por el viento y desterrada de la memoria de los hombres [...]. [T]odo [...] era irrepitible desde siempre y para siempre, porque las estirpes condenadas a cien años de soledad no tenían una segunda oportunidad sobre la tierra” (351).

No entanto, esta linguagem supostamente definitiva se torna equívoca quando consideramos outros fatores no desfecho. Vou mostrar brevemente nesta comunicação que *Cien años de soledad* possui uma estrutura única em que um *dénouement* aparentemente forte e vociferante, por causa de fatos contraditórios e irreduzíveis, fica suspenso num clima de “second guessing” e confusão. Na realidade, esta é uma idéia secundária em meu argumento, já que faz parte de um trabalho meu que foi publicado há mais de vinte anos (*Reversible*, 89-124). Meu fim principal é mostrar que mais de oitenta anos antes da publicação de *Cien años de soledad*, o brasileiro Machado de Assis criou um relato cujo desfecho, em termos estruturais e funcionais, é igual ao de García Márquez. Já que tais jogos narrativos fazem parte da visão estética que muitos chamam

de “pós-modernismo”, com minha análise do conto “Adão e Eva” vou sugerir, como outros já sugeriram examinando outros textos (Gill, Douglass, Fitz), que Machado de Assis, pelo menos em alguns aspectos, é um “pós-moderno” *avant la lettre*.¹

Os fatores irreconciliáveis que formam o desfecho de *Cien años de soledad* são os seguintes:

1. Um espaço “uterino”.
2. Um “embrião” dentro deste espaço.
3. Um evento que evita, para sempre, o “nascimento” do “embrião”.
4. A existência, num espaço exterior, de uma reprodução do “embrião”.

No caso de *Cien años de soledad*, podemos ver que a cidade de Macondo tem o aspecto de um mini-mundo. Embora haja um certo intercâmbio de personagens de outros lugares, Macondo existe num estado de isolamento. Longe de criar condições infrutíferas, tal isolamento parece contribuir para uma dinâmica de vitalidade. Existe uma forte criatividade e energia sexual (às vezes incestuosa) entre os personagens. Há uma abundância de chuva, calor, vegetação e vida animal. A combinação do aspecto encerrado e do aspecto dinâmico sugere que Macondo é, em termos metafóricos, um ventre.

Um objeto de grande importância dentro deste espaço é o manuscrito do cigano Melquíades. O manuscrito é um “embrião” no sentido de ser um proto-discurso, cuja realização ainda não se efetuou. Em geral, o resultado de um manuscrito consiste no livro publicado. No caso particular do de Melquíades, é preciso também que o manuscrito seja decifrado, já que foi elaborado num complicado código, só descoberto por Aureliano Babilonia no final do romance. Sendo uma história do povo de Macondo, o manuscrito serve como um

¹ Brian McHale discute *Cien años de soledad* como exemplo do jogo de mundos paralelos ou alternativos (31-32), segundo ele recurso central da estética pós-moderna.

tipo de semente cujo fruto será a vida (pelo menos em termos biográficos ou históricos) dos habitantes do microcosmo.

Justamente na hora em que Aureliano Babilonia começa a compreender as chaves interpretativas do hermético manuscrito, surge um “huracán bíblico”, uma força devassadora que destrói tudo, absolutamente, convertendo Macondo num “pavoroso remolino de polvo e escombros” (351). Metaforicamente, esta tempestade é um aborto, porque garante que o “embrião” do manuscrito, junto com o único homem capaz de decifrá-lo, sejam arrasados pelo vento, e desterrados para sempre da memória dos homens.

Os três fatores acima coexistem sem problema (sem violência para a lógica narrativa) no mundo de Macondo. Mas fora de Macondo (que aliás já foi destruído) há um problema que cria perplexidade. É que em nossas mãos existe um livro, que nos detalhes mais minuciosos parece ser a tradução e a publicação do manuscrito do velho cigano. Se o germe foi apagado pela tormenta, como pode existir uma reprodução do germe?

A existência do livro, junto com a destruição do manuscrito, é um impasse lógico que criou grandes desafios para os leitores profissionais do romance. O registro crítico, no que diz respeito ao desfecho de *Cien años de soledad*, contém vários esforços para explicar um fenômeno que, ao meu ver, não pode ter uma explicação satisfatória². O final do romance, com seu desvio

² Os comentários sobre o desfecho do romance não concordam quanto à identidade do texto. Para a maioria, o manuscrito de Melquíades é o protótipo do romance (Vargas Llosa 541; Rodríguez Monegal, “Novedad” 18; Rodríguez Monegal, “Three” 484-89; Rolfe 261; Espinosa 201-27; Monleón 19, Palencia-Roth 407). William L. Siemens, no entanto, declara que o manuscrito e o livro não podem ser equivalentes. Para Siemens, portanto, não há contradição lógica. Mas os outros têm dificuldade em explicar o final. Vargas Llosa se contradiz, dizendo que o romance muda de perspectiva (de uma terceira pessoa para o cigano), mas reconhece que o manuscrito em sua totalidade é do ponto de vista de Melquíades; assim, ele desdiz a afirmação da equivalência dos dois textos. Jerry Root, ao falar da “auto-destruição” (10, 13, 20) do romance, não enfrenta o fato óbvio de que o romance existe. Clive Griffin opina que o mundo novelístico não existe depois que o leitor termina

lógico, desafia as convenções da verossimilhança narrativa. O motivo do manuscrito encontrado, que normalmente é considerado um gesto em favor do realismo, aqui o desfaz.

Falta agora mostrar como os mesmos quatro fatores também fazem parte do jogo narrativo de “Adão e Eva,” publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 1885, e depois reproduzido na coletânea *Várias histórias*, dez anos depois. Para iniciar, faço um breve resumo do conto. “Adão e Eva,” como tantos outros contos, contém um relato exterior (extradieético) e um relato intercalado (diegético). O primeiro consiste num sarau na casa de uma senhora de engenho na Bahia. Quando um dos convivas quer saber mais sobre um dos doces servidos, o assunto da conversa torna à questão da curiosidade. São os homens mais curiosos que as mulheres, ou vice-versa? E no caso da família humana, quem – Adão ou Eva – tem mais culpa pela expulsão do paraíso? Todos oferecem uma opinião, menos certo juiz de fora. Interrogado pelos outros, este afirma que a pergunta não tem sentido, porque as coisas não se passaram no Éden como o registro sagrado indica. O homem então conta sua versão da história aos convivas curiosos. No final de seu relato, todos ficam boquiabertos, perplexos, sem saber o que responder. Então o narrador desfaz tudo o que contou, afirmando que “nada disso aconteceu” (528), e volta a perguntar sobre o doce.

A narrativa intercalada, então, é uma versão da velha história de Gênesis. Tem todos os elementos da versão bíblica—o livro (93), sem reconhecer que neste ponto *Cien años de soledad* não difere de qualquer romance. Vários críticos evitam o impasse lógico ao “transcender” o problema físico, passando para uma leitura “metafísica”. Rodríguez Monegal resolve a contradição no espaço metaficcional, na “inmortalidad que confiere la palabra” (19). Doris Rolfe também percebe um desmascaramento da ilusão representada, “ênfasis final e definitivo para expresar que la novela es ficción” (261). Michael Palencia-Roth transfere o texto para um espaço eterno e cósmico (410, 414), declarando que o romance nunca termina (415). Susana Cordero de Espinosa (201-27) e Vargas Llosa (544-45) efetuam uma transição semelhante para o modo da ficcionalidade. Uma “solução” menos popular é isentar o texto do furacão. Aleyda Roldán de Micolta afirma que a tempestade parece destruir tudo *menos* o manuscrito.

jardim paradisíaco, a árvore cujo fruto é proibido, a serpente (representante de Satanás) que promete um grande futuro como resultado da ingestão da fruta, etc. Para Eva, a serpente prediz:

[...] serás legião, fundarás cidades, e chamar-te-ás Cleópatra, Dido, Semíramis; darás heróis do teu ventre, e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu e serás Débora; cantarás e serás Safo. E um dia, se Deus quiser descer à terra, escolherá as tuas entranhas, e chamar-te-ás Maria de Nazaré. (527)

Até agora, é a história conhecida. Mas no relato do juiz de fora, tanto Eva como Adão obedecem à proibição divina. Nem uma nem o outro cai na tentação de saborear o fruto da árvore da ciência do bem e do mal. E, em consequência dessa decisão, Deus entrega toda a terra ao diabo, mandando o anjo Gabriel para recolhê-los:

[...] então Gabriel deu as mãos a ambos, e os três subiram até a estância eterna, onde miríades de anjos os esperavam, cantando:

— Entrai, entrai. A terra que deixastes, fica entregue às obras do Tinhoso, aos animais ferozes e maléficos, às plantas daninhas e peçonhentas, ao ar impuro, à vida dos pântanos. Reinará nela a serpente que rasteja, babuja e morde, nenhuma criatura igual a vós porá entre tanta abominação a nota da esperança e da piedade. (528)

Um transporte divino para o reino celestial, é claro, não é um furacão devassador. As matérias temáticas de *Cien años de soledad* e “Adão e Eva” são bem distintas. Mas, estruturalmente, as duas narrativas apresentam um paralelo completo. Podemos voltar à lista de fatores irreconciliáveis já mencionada, e mostrar que os mesmos elementos existem no conto de Machado.

Não será surpresa notar que o jardim de Éden, em sentido metafórico, é um ventre. Contém, em abundância, os elementos da fertilidade. É um espaço isolado e fechado. É o abrigo

criado por Deus para a gestação da raça humana.

O “embrião” implantado neste espaço vital, é claro, é o primeiro casal. Adão e Eva, nesta altura, só representam o potencial para uma fecunda geração. Não tendo comido do fruto, ainda são inocentes, estéreis e inadequados para a reprodução.

Quanto ao evento que incapacita o “nascimento” do germe, a transferência de Eva e Adão para o eterno paraíso, no gozo celeste, constitui esta etapa. Na versão bíblica a expulsão do primeiro casal é seu “nascimento” para o mundo mortal, o momento em que se tornam seres tanto vulneráveis como férteis. Mas no conto, na versão do juiz de fora, está claro que não há nem haverá nascimento, pois “nenhuma criatura” igual a eles andar­á sobre a terra.

O quarto fator, a existência de uma reprodução do germe num espaço exterior, se trata de uma mudança de um plano para outro. Em *Cien años de soledad*, temos a sobrevivência do livro, no espaço do leitor, depois de destruído o manuscrito em Macondo. Em “Adão e Eva” o motivo equivalente consiste na existência de todos os personagens no sarau daquela noite. Em ambos os casos a continuidade da palavra se envolve com a idéia da reprodução. O romance de García Márquez, impresso e distribuído, contradiz o relato do manuscrito apagado. A enunciação oral da história bíblica da criação, num grupo de pessoas de carne e osso, contradiz a idéia da eterna isolamento do casal primordial.

A principal diferença entre as duas narrativas talvez resida no fato de que o efeito, ou seja, a recepção da estranha história é explícita em um caso, e implícita no outro. *Cien años de soledad* está cheio de leitores e de representações do ato interpretativo. Em muitas instâncias, sugere-se que a interpretação é equívoca ou até impossível. Mas a representação da recepção do desfecho do manuscrito de Melquíades não pode figurar no livro, pois está nas mãos do leitor real. A única caracterização escrita desta leitura está no registro crítico, já aqui resumido. Um aspecto fascinante de “Adão e Eva” se encontra no fato de que

a recepção do conto contraditório, essencialmente semelhante a *Cien años de soledad*, está narrada no próprio conto, na volta para o nível extradiegético depois do relato intercalado:

... Tendo acabado de falar, o juiz-de-fora estendeu o prato a D. Leonor para que lhe desse mais doce, enquanto os outros convivas olhavam uns para os outros, embasbacados; em vez de explicação, ouviam uma narração enigmática, ou, pelo menos, sem sentido aparente. D. Leonor foi a primeira que falou:

— Bem dizia eu que o Sr. Veloso estava logrando a gente. Não foi isso que lhe pedimos, nem nada disso aconteceu, não é, Frei Bento?

— Lá o saberá o Sr. Juiz, respondeu o carmelita sorrindo.

E o juiz-de-fora, levando à boca uma colher de doce:

— Pensando bem, creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando este doce, que está, na verdade, uma cousa primorosa. É ainda aquela sua antiga doceira de Itapagipe? (528)

A “leitura” do relato está bem descrito. Primeiro, há uma atitude de estupefação, indicada pelo fato de que os ouvintes olham uns para os outros, “embasbacados”. Há o reconhecimento de que a narração é “enigmática” e “sem sentido”. Há uma proposta de resolução da mensagem problemática, na sugestão de que o narrador “estava logrando a gente”. O transtorno desaparece se reconhecem que o modo discursivo é o de uma broma. E, afinal, temos a confirmação do narrador de que a interpretação proposta é válida. O valor lógico da “leitura” dos presentes é aprovado, explicitamente, quando o juiz de fora diz que “nada disso aconteceu” e que, “se tivesse acontecido, não estaríamos aqui”. É reconhecida a atitude brincalhona, implicitamente, quando o juiz deixa a narração e passa rápido para o assunto do doce.

Dada a congruência impressionante da estrutura narrativa de “Adão e Eva” e *Cien años de soledad*, e reconhecido o fato de que somente “Adão e Eva” entra explicitamente na questão da recepção da narração problemática, quero, para terminar, propor uma hipótese anacrônica. Por que não pensar em termos de uma leitura machadiana das últimas páginas de *Cien años de soledad* – uma “Análise póstuma de Machado de Assis”? O modelo desta leitura, é claro, está no desfecho de “Adão e Eva”. O primeiro elemento desta leitura seria o reconhecimento de que a confusão é apropriada, porque o relato é contraditório e carece de sentido. E o segundo seria a aceitação da idéia de que a solução mais acessível ao impasse lógico da narração é ver tudo em termos de uma enorme e cósmica brincadeira³.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Vol. 2. Ed. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

DIXON, Paul B. “Joke Patterns in *Cien años de soledad*”. *Chasqui* 15.2-3 (1986): 15-22.

DIXON, Paul B. *Reversible Readings: Ambiguity in Four Modern Latin American Novels*. University: U of Alabama P, 1985.

DOUGLASS, Ellen H. “Machado de Assis’s ‘A cartomante’: Modern Parody and the Making of a ‘Brazilian’ Text”. *MLN* 113.5 (1998): 1036-55.

ESPINOSA, Susana Cordero de. “*Cien años de soledad*: un asesinato del olvido”. In Manuel Corrales Pascual, ed. *Lectura de García Márquez: doce estudios*. Quito: Pontificia Universidad Católica del Ecuador, 1975. 201-27.

FITZ, Earl. “The Influence of Machado de Assis on John Barth’s *The Floating Opera*”. *The Comparatist* 10 (1986): 56-66.

³ Esta é a hipótese desenvolvida no meu ensaio “Joke Patterns in *Cien años de soledad*”.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cien años de soledad*. Buenos Aires: Sudamericana, 1971.

GILL, Anne-Marie. “*Dom Casmurro and Lolita: Machado among the Metafictionists*”. *Luso-Brazilian Review* 24.1 (1987): 17-26.

GRIFFIN, Clive. “The Humor of *One Hundred Years of Solitude*”. In Gene H. Bell-Villada, ed. *Gabriel García Márquez’s One Hundred Years of Solitude: A Casebook*. New York: Oxford UP, 2002. 53-66.

MCHALE, Brian. *Constructing Postmodernism*. London: Routledge, 1992.

MICOLTA, Aleyda Roldán de. “*Cien años de soledad: una novela construida sobre espejos*”. *Explicación de Textos Literarios* 4, suplemento 1 (1975-76): 239-57.

MONLEÓN, José. “Historia de una contradicción”. *Maize* 3.3-4 (1980): 17-22.

PALENCIA-ROTH, Michael. “Los pergaminos de Aureliano Babilonia”. *Revista Iberoamericana* 49.123-34 (1983): 403-17.

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. “Novedad y anacronismo en *Cien años de soledad*”. *Revista Nacional de Cultura* 29.185 (1968): 3-21.

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. “One Hundred Years of Solitude: The Last Three Pages”. *Books Abroad* 47 (1973): 484-89.

ROLFE, Doris. “Tono y estructura en *Cien años de soledad*”, *Explicación de Textos Literarios* 4, suplemento 1 (1975-76): 259-82.

ROOT, Jerry. “Never Ending the Ending: Strategies of Narrative Time in *One Hundred Years of Solitude*”. *Rackham Journal of the Arts and Humanities*, 1988. 1-25.

SIEMENS, William L. “Tiempo, entropía y la estructura

DOSSIÉ MACHADO DE ASSIS

de *Cien años de soledad*?. *Explicación de Textos Literarios* 4, suplemento 1 (1975-76): 359-71.

SMITH, Barbara Herrnstein. *Poetic Closure: A Study of How Poems End*. Chicago: U of Chicago P, 1968.

VARGAS LLOSA, Mario. *García Márquez: historia de un deicidio*. Barcelona: Monte Ávila, 1971.

Recebido em 15/08/2008
Aprovado em 20/09/2008